

A Letra e a Carne ou das duas uma

Resenha | GRAÑA, Roberto. **A Carne e a Escrita** - um estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Celso Gutfreind

Membro da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre.

Em *a Carne e a Escrita – Um Estudo Psicanalítico Sobre a Criação Literária* (Casa do Psicólogo, 2005), Roberto Graña aproxima a psicanálise da literatura. Não está longe da psicanálise, em suas bases, e do que Freud fez com Goethe, Dostoievski, Shakespeare, Schnitzler, Zweig, Heine, entre tantos outros. A relação é de tal forma (e conteúdo) cabal que é possível pensar a inexistência da psicanálise sem as referências literárias que sempre a ampararam. Sem Sófocles ou Édipo, por exemplo, a castração metafórica haveria de ser incompatível com a sobrevivência do pensamento analítico.

Graña constrói essas relações, sobretudo, a partir de Graciliano Ramos, esse escritor “dividido entre a narrativa de ficção e o relato autobiográfico” (p. 49), mas também com um séquito de referências literárias, filosóficas e analíticas que destrincha com conhecimento de causa e sem pressa de conhecer as consequências: “A psicanálise não está feita para dar-nos, como as ciências da natureza, relações necessárias de causa e efeito, mas para indicar-nos certas relações de motivação que, por princípio, são simplesmente possíveis”, alerta-nos Graña, com a ajuda de Merleau-Ponty (p. 39).

Tal recomendação ou cuidado é sustentada com coerência do começo ao fim: “A principal meta de nosso argumento... será talvez representada pelo empenho em desencorajar toda e qualquer psicanálise do autor realizada ‘através’ do texto ficcional” (p. 106).

Graciliano e nós, leitores, agradecemos.

O texto se baseia em tese de doutorado, desenvolvido no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e orientado por Jane Tutikian. Ou seja, um analista e uma escritora se encontraram para produzir conhecimento.

Qual a importância disso? Eu acho que é enorme, porque a literatura é feita de histórias (Schafer) e o livro de Graña, assim como a psicanálise e a vida das pessoas (seu objeto de estudo), também são.

Em outras palavras, essa possibilidade de contar histórias e refazer identidades (com sublimação e humor) está no centro da literatura e da psicanálise, onde contar uma história é evocar outra, e assim indefinidamente para não morrer, como Xerezade em suas mil e uma noites ou o desdobramento dos duplos em triplos e quádruplos, como em Mikhail Bakhtin (p. 91). Se isso se aproxima de forma veemente, essa aproximação não é menos conflituosa do que a vida que jorra entre ambas. A vida – ensinam-nos as histórias, e esta também – é feita de conflito e tentativa de resolução.

Graña dispõe-se a falar disso, e não é menos árdua a sua tarefa: examinar o espaço da psicanálise no campo da crítica literária, ou seja, aproximar duas histórias aparentemente distantes e, ao mesmo tempo, profundamente próximas. A ideia é fazer render, em vez de reduzir ou, como destaca o contundente Roland Barthes, evitar o reducionismo de inferir da obra o autor e vice-versa. Seria possível? – pergunta o livro do começo até o final.

O autor parte dos trabalhos de Leila Perrone Moisés e segue apontando os limites de sua própria empreitada. Propondo-se como arauto de uma transdisciplinaridade possível – ou complementaridade, como arrola, a partir de Genette – entre a crítica literária e a psicanálise, provoca o cruzamento de caminhos de gente como Lucien Goldman e Jacques Lacan. Lê-los, lado a lado, é uma aprendizagem.

E há estofos por trás. O próprio Freud, como já dissemos, inaugurou o gênero com seus estudos sobre Dostoiévski, por exemplo, ou Leonardo da Vinci (ambos questionáveis, para Graña), ainda no terreno da arte. Aliás, os escritores – vide Joyce e Poe – estão no centro dos principais seminários

rios de Lacan, outro autor cujos conceitos estão borrifados de literatura e que, sem ela, emudeceria.

Graña conserva, como alguns de seus mestres mais bem sucedidos, a humildade de perscrutar limites para essas aproximações a que se propõe, sempre esperançoso da aplicabilidade de seus propósitos, dentro de uma psicanálise também aplicada, a que persegue, desconfiando. A ideia, enfim, é mediar, valer-se de uma para chegar à outra. E quem é direto nesta vida, seja na neurose ou na saúde?

Fazer metáforas é preciso, e este livro propõe relações entre as literárias e as psicanalíticas. O resultado é novas metáforas, porque Graña mostra que, em muitos momentos – e mesmo em Freud – esse casamento foi forçado. Em outros, foi feliz, e pontes bonitas puderam ser erguidas entre os dois protagonistas; afinal, literatura e psicanálise estão repletas de pontos em comum: ensinam a estar só (Winnicott), levam “ao país do outro” (Blanchot), oferecem a exteriorização, ajudam a viver e a morrer (Quintana) ou, ainda, são capazes de reassegurar-nos “de nosso humano vigor” (p.84). Também as duas podem retificar a realidade – como este estudo mostra que o romance *Infância* pode ser feito com a infância de Graciliano, marcada pelos pais violentos, e sem psicanálise. Esta e a literatura estão no mesmo barco, que é o nosso, convence-nos o autor, com argumentos dignos de um livro ou de uma vida.

Há quem diga – e eu repito – que, se um dia a psicanálise perecer, as suas contribuições à arte (a transdisciplinaridade) haverão de ficar. Enfim, as histórias (da literatura e da psicanálise) aqui se cruzam, e é pouco mais do que isso – e enorme – o que o livro propõe.

Também é o que faz uma boa literatura, ficcional ou analítica, o que dá no mesmo. Como em Winnicott, com um espaço transicional, como em Pavlovski, com um espaço lúdico, e agora é como se fôssemos Tom Sawyer viajando ou Werther sofrendo de amor ou um paciente reinventando a sua história, sempre única e jamais banal.

Nesse sentido, o livro de Roberto Graña apresenta o histórico dessas aproximações, destacando autores como o já mencionado Merleau-Ponty, considerado um dos pontos mais elevados do casamento entre literatura e psicanálise.

Um dos momentos marcantes, para mim, deste longo e erudito trabalho é quando o autor relaciona a ênfase dada ao prazer do texto (Barthes) em detrimento de qualquer outro aspecto autoral ou estético, com o espaço transicional (Winnicott). Embasada em Barthes leitor de Winnicott, além de criativa e prazerosa, essa hipótese aproxima ainda mais a literatura da vida, escancarando possibilidades de novas interações.

O texto pode reverberar junto àqueles interessados no aprofundamento da crítica literária através das lentes da psicanálise. Mas o leio, especialmente, como algo ainda mais amplo, metáfora do cruzamento entre teorias que não passam de histórias disfarçadas. A possibilidade de contá-las e encontrá-las está aqui, assim como nos livros mais verdadeiros ou tratamentos mais bem-sucedidos.

Se Graña não poupa referências de diversas áreas, ele reconhece, ao fim e ao cabo, as suas armas principais, como a necessidade de deter-se no texto do autor e do paciente – esmiúça os romances e até os contos de Graciliano –, a importância do brincar, compreendido winnicotianamente dentro de uma relação mãe-bebê. Pois é esta viagem, sempre narrativa, que pode levar o sujeito ao outro, objetivo final de uma análise e de uma leitura: “A verdade narrativa... é o encontro da verdade própria” (p. 68).

Penso que também é isso que dá o desejo de continuar vivendo. Para contar histórias e poder viver em outras peles, como as de Graciliano Ramos, Jane Tutikian, Roberto Graña.